

UM FOSSO EM GONÇALVINHOS? OS DADOS E AS QUESTÕES EM ABERTO NO POVOAMENTO NEOLÍTICO DE MAFRA

ANA CATARINA SOUSA*
MARTA MIRANDA**
DANIEL VAN CALKER***

RESUMO

Este estudo pretende realizar a caracterização do sítio pré-histórico dos Gonçalves (Mafra). Apesar de terem sido efetuadas recolhas de superfície no local ainda no século XIX, foi apenas a intervenção arqueológica de 2005, no âmbito das ações preventivas para a construção da Auto Estrada Mafra-Ericeira, que permitiu definir o contexto crono-cultural da ocupação aí identificada, genericamente enquadrada no Neolítico regional. As sondagens realizadas demonstraram a inexistência de níveis de ocupação preservados, situação decorrente do elevado grau de afetação dos trabalhos agrícolas que aí ocorreram. Porém, foram reconhecidas duas estruturas negativas, um fosso e uma fossa, que vieram alterar profundamente a perspetiva sobre o sítio. Juntamente com as evidências artefactuais, entendemos que se trata de um núcleo habitacional permanente, provavelmente de pequena dimensão. Discutem-se estes dados no âmbito dos padrões de povoamento neolíticos da Baixa Estremadura, onde a presença deste tipo de estruturas é manifestamente escassa até ao momento.

PALAVRAS-CHAVE

povoamento – Neolítico – Estremadura – recintos de fossos

A DITCHED ENCLOSURE AT GONÇALVINHOS? THE DATA AND THE UNANSWERED QUESTIONS REGARDING THE NEOLITHIC SETTLEMENT OF MAFRA

ABSTRACT

This study aims to characterize the prehistoric site of Gonçalves (Mafra). Even though it was identified in the late 19th century, it was only the archaeological excavation carried out in 2005, within the scope of the preventive actions for the construction of the Mafra-Ericeira freeway, that permitted the definition of the chrono-cultural context for this settlement, generally framed within the regional Neolithic. The excavation works revealed that there were no preserved archaeological units, a situation that stems from the intensive agricultural activities that severely affected the integrity of the archaeological deposits. However, it was possible to identify two negative structures, a ditch and a pit, that ultimately changed the perspective concerning this site. Along with the artefactual evidence, we suggest that this site refers to a small Neolithic settlement. We discuss this data in the extent of the Portuguese Estremadura Neolithic patterns, where these sorts of structures are very scarce.

KEYWORDS

settlement – Neolithic – Estremadura – ditched enclosures

* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Professora auxiliar com nomeação definitiva na Faculdade de Letras de Lisboa, investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra entre 1997 e 2011. O seu tema de mestrado (1997) e doutoramento (2010) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, centrou-se no povoado pré-histórico do Penedo do Lexim e no povoamento da área da Ribeira de Cheleiros. Entre 2011 e 2013 exerceu funções como subdiretora-geral no Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico e na Direção Geral do Património Cultural. Atualmente desenvolve projetos de investigação em Coruche, Arruda dos Vinhos, Palmela e Mafra. Autora de mais de 100 títulos publicados, incluindo 10 livros e artigos em publicações nacionais e internacionais. A sua área de investigação centra-se nas antigas sociedades camponesas do 4.º e 3.º milénios a.C., História de Arqueologia e Gestão do Património.
Email: sousa@campus.ul.pt

** CMM – Área de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra. Arqueóloga da Câmara Municipal de Mafra. Licenciada em História, variante Arqueologia pela Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Investigadora na área de Antropologia Funerária, Arqueozoologia e Arqueopedagogia. Autora de diversos títulos científicos nacionais e internacionais (livros, capítulos de livros e revistas especializadas) e diretora de várias escavações arqueológicas. Responsável dos Serviços Educativos de Arqueologia: com trabalhos nas áreas da formação, ateliers familiares, atividades escolares e públicos com necessidades educativas especiais.
Email: arqueopedagogia@cm-mafra.pt

*** UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Licenciado e mestre em Arqueologia na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. A sua área de investigação centra-se nas antigas sociedades camponesas do 4.º e 3.º milénio, especialmente dedicado ao tema das práticas funerárias e do Megalitismo.
Email: daniel.calder@campus.ul.pt

1. ABRINDO

A ocupação humana do território que hoje designamos por Concelho de Mafra tem vindo a ser desvendada há quase 150 anos. Desde os trabalhos pioneiros de Estácio da Veiga (1828–1891) que residiu em Mafra entre 1866 e 1875 (Veiga, 1879), até aos trabalhos arqueológicos de investigação, salvamento e valorização do Gabinete de Arqueologia de Mafra desenvolvidos desde 1997 foram já identificados 45 sítios de cronologia pré-histórica em Mafra: povoados, necrópoles, *habitats* temporários especializados e muitas ocorrências que levantam grandes interrogações quanto à cronologia e funcionalidade.

O processo de investigação é necessariamente cumulativo e provisório e por isso regressamos ao sítio de Gonçalves, já debatido de forma preliminar no volume de 2004 do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal de Mafra (Sousa e Pereira, 2005) e citado sucintamente no âmbito de uma síntese dos trabalhos arqueológicos realizados na A21 (Sousa, 2008).

Decidimos regressar a este tema por vários motivos. Por um lado, a informação relativa ao sítio de Gonçalves foi publicada de forma incompleta. Poucos meses depois de ter sido entregue para publicação, o decurso dos trabalhos propiciou a identificação de novos elementos que permaneceram insuficientemente caracterizados. Foi também recuperada informação documental oitocentista inédita. Por outro, foram recolhidos novos elementos sobre o povoamento neolítico (6.º–4.º milénio a.n.e.) no território de Mafra, quer através de prospeções, quer da arqueologia preventiva. Finalmente, o sítio de Gonçalves tem vindo a ser referido sistematicamente no enquadramento da problemática dos recintos de fossos no território português (Valera, 2013a, 2013b), e mais especificamente da Estremadura portuguesa (Neto *et al*, 2019).

O presente artigo procura assim apresentar e analisar a informação arqueográfica disponível para o sítio de Gonçalves e discutir a sua relevância para a compreensão das dinâmicas de povoamento regional e para o fenómeno dos recintos de fossos.

2. ENQUADRAMENTO

2.1. HISTÓRIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

A primeira referência à identificação de vestígios pré-históricos no sítio dos Gonçalves, inventariado na base de dados *Endovélico* (DGPC) com o Código Nacional de Sítio 23688, remonta ao século XIX, sendo mencionada nas recolhas antigas da Comissão dos Serviços Geológicos (Sousa, 2010: p. 434) que em Mafra foram dirigidos por Carlos Ribeiro (1813–1882). Joaquim Scolla, coletor da Secção dos Trabalhos Geológicos entre 1869 e 1901, fez a identificação do sítio nos seus cadernos de campo:

"Hoje, 3 de Julho de [18]79, fomos explorar para os lados de Gonçalves, encontramos um fragmento d'un machado, / lascas de sílex, poucas e pequenas, lascas de cortzite em grande abundância" (Arquivo Histórico do LNEG).

Estes elementos da cultura material foram depositados no Museu Geológico (anterior Museu das Comissões Geológicas e dos Serviços Geológicos), em Lisboa, tendo sido referidos por G. Zbyzewski e J. L. Cardoso no âmbito de uma revisão das recolhas antigas, inéditas, de materiais arqueológicos provenientes de Mafra enquadráveis nos complexos tecnológicos do Paleolítico Médio e Superior (Zbyzewski e Cardoso, 1978), curiosamente 100 anos após a realização das recolhas efetuadas por Joaquim Scolla sob a direção de Carlos Ribeiro (1813–1882). Estes autores assinalam apenas a presença de um achado isolado: "Um fragmento de sílex de pequenas dimensões, com indícios de utilização como raspador e raspadeira" (*idem, ibidem*). Em consulta recente ao Museu Geológico, confirmou-se apenas estar inventariada com proveniência de Gonçalves o referido achado isolado publicado por Zbyzewski e Cardoso. Assim, com base neste único achado isolado que não é plenamente diagnóstico para a integração cronocultural das ocupações arqueológicas registadas no local, tem sido associada ao sítio dos Gonçalves uma cronologia paleolítica de caráter indefinido. Com probabilidade, os registos mais característicos de uma ocupação neo-calcolítica referidos por Joaquim Scolla, como é o caso do presumível fragmento do machado de pedra polida, terão sido arquivados de forma insuficiente, resultando na perda daquela informação – e, portanto, na impossibilidade daqueles autores procederem à sua conveniente observação. Não quer isto dizer que se exclua completamente a eventualidade de se ter verificado uma ocupação humana plistocénica nos Gonçalves, considerando alguns – escassos – registos bastante sugestivos que foram recolhidos à superfície já no início deste século.

Foi apenas em 2001 que se realizaram os primeiros trabalhos de campo em Gonçalves que tinham como objetivo a realização da Carta Arqueológica de Mafra. Partindo das referências lacónicas das etiquetas de materiais pré-históricos conservadas no Museu Geológico, as prospeções realizadas em 23 sítios propiciaram a realocização em 30,4% dos sítios listados (Sousa e Pereira, 2005). No caso de Gonçalves, a indicação de proveniência do único registo em depósito no Museu Geológico (100 m Este da povoação dos Gonçalves) corresponde em absoluto às áreas que foram prospectadas, e posteriormente sondadas, pelas signatárias.

Em 2005, no âmbito dos trabalhos de prospeção sistemática da Autoestrada A21 foram efetuadas novas recolhas. A (má) visibilidade do terreno impedia uma leitura eficaz do mesmo, não sendo possível efetuar uma caracterização específica quanto à cronologia (vagamente descrita como "Pré-História"), tipologia e estado de conservação do sítio. Apesar da difícil caracterização foi proposta a realização de sondagens arqueológicas prévias. A intervenção arqueológica em Gonçalves realizou-se entre agosto e outubro de 2005 no âmbito das ações arqueológicas preventivas para a construção da Auto Estrada Mafra–Ericeira, realizada segundo indicações presentes em Estudo de Impacto Ambiental, de acordo com a legislação em vigor. Os trabalhos de escavação vieram confirmar a notação de campo de 1879, documento que ficou esquecido no Arquivo Histórico do LNEG até 2010, evidenciando vestígios de cronologia neolítica.

2.2. LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

O topónimo deste sítio pré-histórico advém da sua proximidade com a localidade dos Gonçalves, enquadrada administrativamente na freguesia e concelho de Mafra, distrito de Lisboa. Localiza-se na folha n.º 402 (Mafra) da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25.000), nas seguintes coordenadas UTM: 29S 469353.75mE 4309963.17mN. Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS 84): Latitude (N) 38°56'17.04"; Longitude (W) 9°21'12.99" (Fig. 1).

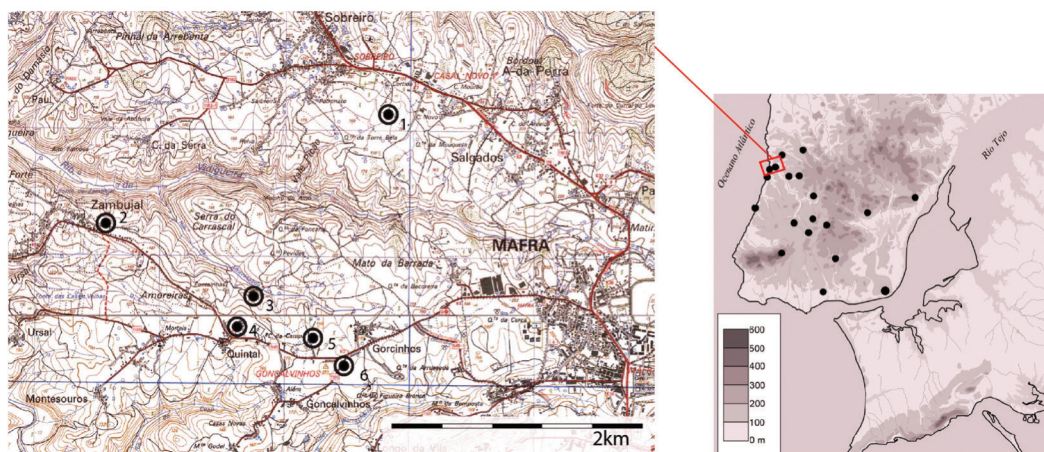


Fig. 1
Localização do sítio dos Gonçalvinhos (6) e do povoamento neolítico anexo nas cartas militares n.º 402 (Mafra) e 388 (Ericeira), esc. 1:25000: 1. Sobreiro; 2 – Casas Velhas; 3 – Quintal; 4 – Moinho do Quintal; 5 – Gorcinhos. Em cima, à direita: dispersão de sítios habitacionais do Neolítico Antigo e Médio na Península de Lisboa. Base cartográfica de Maya Langley e Rui Boaventura

Situado a cerca de 5,4 km E do Oceano Atlântico, o sítio dos Gonçalvinhos configura uma vasta área aplanada, aberta, em torno dos 180 m de altitude, sendo genericamente enquadrado pela Ribeira do Coxo, a Este, pela Ribeira da Borracheira, a Oeste, e pelo Rio Pequeno, a Sul. Corresponde a uma área significativamente transformada por trabalhos agrícolas recentes, estando presentemente coberta por uma densa vegetação rasteira. À superfície foram recolhidos, quase exclusivamente, fragmentos de cerâmica vidrada de cronologia moderna ou contemporânea. O sítio terá também sido parcialmente afetado pela implantação da estrada municipal n.º 549, tendo sido recolhidos no corte para a sua abertura determinados elementos da cultura material passíveis de associar à ocupação pré-histórica registada no local.

Integrado na folha n.º 34–A (Sintra) da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50:000), localiza-se numa área de arenitos, argilas e dolomitos do Barremiano Superior ("Grés inferiores") e calcários e margas com *Palorbitolina lenticularis* do Aptiano Inferior ("Camadas com orbitolinas"), estando estas integradas no complexo designado "Camadas de Almargem" do Cretácico. A cerca de 1 km SE dos Gonçalves regista-se uma pequena, mas importante mancha de mafraíto – uma rocha de textura granular grosseira, afim dos gabros, comprovadamente utilizada pelas comunidades neo-calcolíticas da região como elementos de construção e de moagem.

Quanto ao paleo-ambiente em que os Gonçalves estariam incluídos, os dados disponíveis para a região a Norte da Serra de Sintra são escassos. No concheiro Mesolítico de São Julião, situado na freguesia da Carvoeira, destaca-se a representatividade do pinheiro bravo, que vem substituir os pinhais silvestres, mais frios (Queiroz e Leeuwaarden, 2004). Nesse sentido, a partir de 8000 BP, parece impor-se uma vegetação de carácter mediterrâneo, como o zambujeiro, o medronheiro e o carrasco – apenas citando aqueles com uma maior frequência no registo arqueológico. Os dados paleobotânicos recolhidos no Penedo do Lexim, um povoado fortificado do 3.º milénio a.n.e., indicam uma cobertura vegetal bastante semelhante, inclusive com a presença residual de pinheiro silvestre (Sousa, 2010), sugerindo uma certa estabilidade relativa às comunidades vegetais presentes durante o Holoceno Médio. Trata-se, portanto, de uma paisagem "[...] caracterizada por uma marcante diversidade de zonas ecológicas – planaltos calcários recortados por sistemas de vales com as suas encostas e fundos alagados; faixa litoral com sistemas dunares de substrato arenoso e zonas fluvio-estuarinas; interflúvios aplanados com coberturas arenosas de natureza poligenética" (Queiroz e Leeuwaarden, 2004: p. 126).

3. DA ARQUEOLOGIA PREVENTIVA À INVESTIGAÇÃO

3.1. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO

No âmbito dos trabalhos de minimização arqueológica da A21, desenvolveu-se em 2005 uma extensa campanha de campo que envolveu prospeção, sondagens mecânicas e manuais e finalmente acompanhamento arqueológico.

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos pelas signatárias com Elisa Sousa, tendo ainda contado com a colaboração de Carlos Pereira, Carla Martinho, Ana Patrícia Madeira e de (então) estudantes de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Telmo Gomes, João Gomes, Lara Rodrigues, Eva Machado, Catarina Costeira, Ana Patrícia Silva, Teresa Vieira e Ana Margarida Neto).

Os trabalhos de escavação decorreram entre 5 de agosto e 18 de novembro de 2005, num total de 30 dias de trabalho de campo. A primeira fase dos trabalhos decorreu na primeira semana de agosto, correspondendo a uma fase de diagnóstico. A segunda fase dos trabalhos decorreu entre 14 de outubro e 18 de novembro.

Toda a zona se encontrava coberta por uma vegetação rasteira densa, pelo que previamente ao início dos trabalhos de campo foi realizada a desmatação das zonas a serem intervencionadas (Fig. 3). Como forma de diagnosticar a tipologia do sítio, procedeu-se à realização de seis sondagens mecânicas com crivagem dos sedimentos, limpeza de planos e leitura e registo de perfis estratigráficos. Após a deteção de estruturas negativas na sondagem 1, efetuou-se o alargamento da área e desenvolveu-se uma escavação manual.



Fig. 3
A- Aspetto dos trabalhos na Sondagem 1
B- Vista geral do sítio dos Gonçalves
C- Aspetto dos trabalhos na Sondagem 6
D- Vista geral após limpeza

A evolução da escavação determinou a abertura de 4 áreas distintas (Fig. 2). A zona Este da estrada foi denominada **Área 1**. Trata-se de uma área muito aplanada, profundamente transformada por trabalhos agrícolas, onde foram abertas as sondagens 1 e 2. A deteção de estruturas negativas na sondagem 1 (fosso e fossa) motivou a realização de sondagens manuais e o alargamento da área. A **Área 2** está implantada na parte Oeste da estrada municipal n.º 549. Esta área implanta-se numa pequena elevação, tendo as sondagens 3, 4, 5 e 6 sido implantadas no topo e na vertente suave onde foram recolhidos materiais. A **Área 3** implanta-se na zona Oeste da estrada municipal n.º 1190 de acesso a Gonçalves, no antigo Campo de Treino dos Bombeiros. Segundo informações dos proprietários, este terreno foi profundamente afetado pela construção de um Campo de Futebol em terra batida. A **Área 4** constitui um prolongamento da área 1.

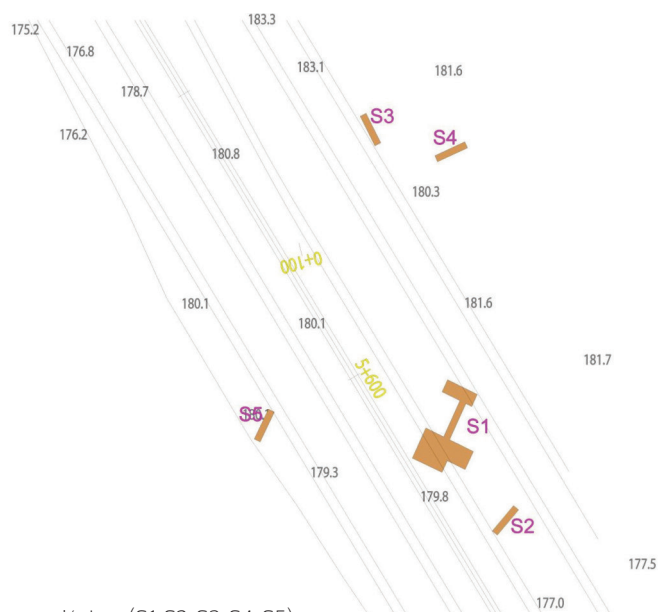


Fig. 2
Implantação das sondagens arqueológicas (S1, S2, S3, S4, S5)

Após a fase de sondagens seguiu-se o acompanhamento arqueológico da obra que envolveu o desaterro geral da área. Foram acompanhadas todas as ações de remoção de terra com a recolha de materiais arqueológicos consequente, procedendo-se também, já numa fase final, à limpeza de todo o substrato, para averiguar da existência de outras estruturas negativas, o que não se veio a confirmar.

3.2. CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS

Identificaram-se, em todas as sondagens realizadas, apenas dois estratos sedimentares. Trata-se, essencialmente, da mesma camada, tendo-se distinguido apenas um estrato superficial, repleto de vegetação seca (U.E. 1), sendo o segundo estrato (U.E. 2) caracterizado, essencialmente, pela presença de raízes, juntamente com alguns fragmentos de cerâmica comum atípica e cerâmica vidrada de cronologia moderna e contemporânea misturada com raros artefactos líticos. A este estrato sucedia-se o substrato geológico (U.E. 3), constituído por calcários margosos. Na Área 3 (sondagem 5 e 6) foi identificado um outro estrato de aterro evidenciando o grau de revolvimento deste sítio.

Face a esta estratigrafia, a preservação de estruturas negativas seria efetivamente a única possibilidade de identificação de contextos preservados, o que veio a suceder na Sondagem 1 com a fossa e o fosso (Fig. 4). Globalmente, podemos considerar que a sequência estratigráfica da sondagem 1 revela a presença de intensos sinais de perturbação, à exceção dos depósitos conservados em estruturas negativas (fossa – U.E. 4 – 5 – 7 – 8 e Fosso – U.E. 9 – 6).

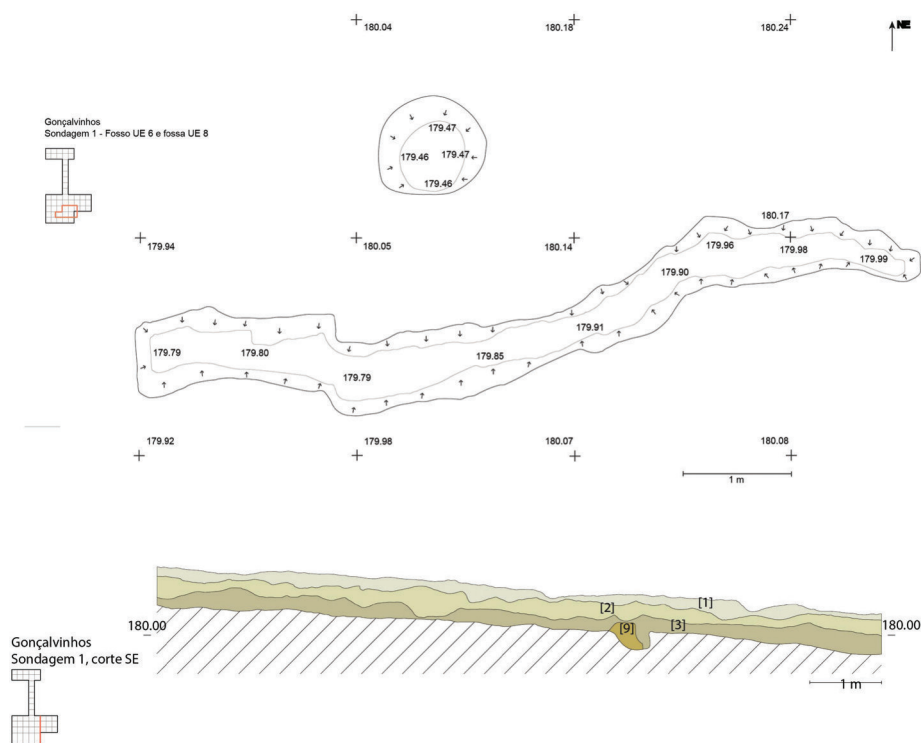


Fig. 4
Em cima- Planta do fosso U.E 6 e da fossa U.E. 8. Em baixo- Corte SE com enchimento do "fosso" U.E. 6

A fossa (U.E. 8) apresenta uma planta circular (cerca de 1 m de diâmetro) e um fundo plano. O enchimento desta fossa integra três depósitos: na base regista-se a U.E.7 com abundantes carvões, diferenciando-se da U.E. 5, que apresenta uma coloração mais clara. O topo da fossa está preenchido pela U.E. 4 caracterizado pela presença de um elevado número de blocos de pedra de média e grande dimensão (Fig. 5). O enchimento da fossa apenas revelou a presença de materiais pré-históricos, embora estes sejam muito escassos: bordo de cerâmica manual (MFR.026.031); resto de talhe em sílex (MFR.026.030) e resto de talhe em quartzo leitoso (MFR.026.125).



Fig. 5
A- UE 4:
Enchimento da fossa – topo;
B- UE 8:
Aspeto geral do interface
da fossa – fundo

O hipotético fosso (U.E. 6), apresenta uma extensão de 7 m e uma largura média de 0,60 m configurando um segmento de "canal" de forma semicircular situado em área anexa à fossa (Fig. 6). O seu enchimento (U.E. 9) revelou-se completamente estéril. Caso não tivesse sido identificada a fossa U.E. 8, nunca o fosso U.E. 6 seria classificado como estrutura pré-histórica, podendo corresponder a valas de escoamento de época histórica como as que foram identificadas em 2018 na Quinta da Cerca 3 (Mafra), em escavação dirigida pelas signatárias.



Fig. 6

A- UE 9: Enchimento do fosso UE 6- Fase de identificação

B- Aspeto geral do fosso UE 6- Fase final de escavação

3.3. CULTURA MATERIAL

O conjunto de materiais arqueológicos recolhidos, tanto à superfície como no âmbito das sondagens realizadas, é reduzido. Porém, é suficientemente significativo para um enquadramento crono-cultural devidamente sustentado, que permitirá avançar com uma proposta de interpretação do sítio arqueológico. É composto por um universo de

278 registos individuais, estando representadas as principais categorias artefactuais do Neolítico e Calcolítico. A pedra lascada corresponde ao grosso dos materiais identificados, constituindo 89% da totalidade do conjunto, estando também presentes a pedra polida e afeiçãoada, assim como a cerâmica – assumindo, contudo, valores residuais. Neste contexto, destaca-se claramente a ausência de restos mamalógicos e até, pela proximidade a uma série de recursos marino-estuarinos, malacológicos, apesar do substrato geológico permitir a sua conservação. Note-se ainda que, no âmbito concreto deste trabalho, foram excluídos os materiais cerâmicos de época moderna e contemporânea que também foram recolhidos aquando dos trabalhos de campo.

Em termos genéricos, a distribuição espacial dos registos pelas quatro áreas definidas é relativamente heterogénea (Quadro 1), com uma maior incidência na designada área 4, que é a mais próxima da atual povoação dos Gonçalves. Em sentido inverso, é importante realçar o facto de que a única área onde foram identificadas estruturas negativas (área 1), foi onde se registou a menor a densidade de materiais arqueológicos. De facto, os trabalhos de revolvimento do solo provocaram uma dispersão dos materiais numa área muito alargada, o que é também evidente quando se analisa a distribuição dos registos por tipo de recolha: aqueles recolhidos em âmbito de escavação (7%) são claramente diminutos em relação às recolhas em âmbito de prospeção (22%) e, de forma mais nítida, de acompanhamento (71%).

Quadro 1 – Lista de materiais Pré-históricos recolhidos nos Gonçalves

	Pedra Lascada		Pedra Polida		Pedra Afeiçãoada		Cerâmica		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Área 1	7	2,82							7	2,52
Área 1 Sond.1	4	1,61			1	33,33	4	16,67	9	3,24
Área 1 Sond.2	2	0,81							2	0,72
Área 1B	50	20,16	2	66,67	1	33,33	2	8,33	55	19,78
Área 2	20	8,06							20	7,19
Área 2 Sond.3							4	16,67	4	1,44
Área 2 Sond.4	1	0,40							1	0,36
Área 3	54	21,77					7	29,17	61	21,94
Área 3 Sond.5	2	0,81							2	0,72
Área 4	91	36,69	1	33,33	1	33,33	7	29,17	100	35,97
Superfície geral	17	6,85							17	6,12
TOTAL	248	100,00	3	100,00	3	100,00	24	100,00	278	100,00

3.3.1. PEDRA LASCADA

Constituindo, por larga margem, a categoria artefactual mais abundante, a indústria de pedra lascada, cujo inventário se encontra patente no Quadro 2, é essencialmente realizada sobre sílex (75%). Contudo, e embora não atingindo o estatuto de suporte preferencial para o talhe, o quartzito (13%) e o quartzo (12%) foram também selecionados: essencialmente como suporte exclusivo de elementos macrolíticos, no primeiro caso, e como suporte para a produção de suportes alongados e utensílios, no segundo (Fig. 7). Note-se, todavia, que também o quartzito foi utilizado para a produção de um denticulado, de um furador e de raspadeiras, pelo que o seu papel na obtenção de utensílios líticos, ainda que secundário, deve ser referido. Registou-se apenas um artefacto produzido sobre quartzo hialino, correspondendo a um núcleo de lamelas esgotado, e foram recolhidos escassos fragmentos de matéria-prima exógena, como o xisto e o jaspe.

Quadro 2 – A indústria de pedra lascada dos Gonçalves

PEDRA LASCADA	Sílex		Quartzito		Quartzo	
	N	%	N	%	N	%
Núcleo	5	2,67	6	18,18	1	3,57
Material de preparação/reavivamento						
Tablette	5	2,67				
Flanco de núcleo	19	10,16				
Material residual						
Restos de talhe	86	45,99	10	30,30	15	53,57
Esquirola	1	0,53				
Produtos debitados						
Lâminas brutas	5	2,67			1	3,57
Lamelas brutas	4	2,14				
Lascas brutas	23	12,30	10	30,30	4	14,29
Utensilagem						
Denticulado	1	0,53	1	3,03	1	3,57
Lasca com retoque marginal	17	9,09	1	3,03	4	14,29
Entalhe sobre lasca	2	1,07				
Lamela com retoque marginal	1	0,53				
Lâmina com retoque marginal	3	1,60				
Raspadeira	10	5,35	4	12,12	2	7,14
Furador	3	1,60	1	3,03		
Armadura geométrica	2	1,07				
TOTAL	187	100,00	33	100,00	28	100,00

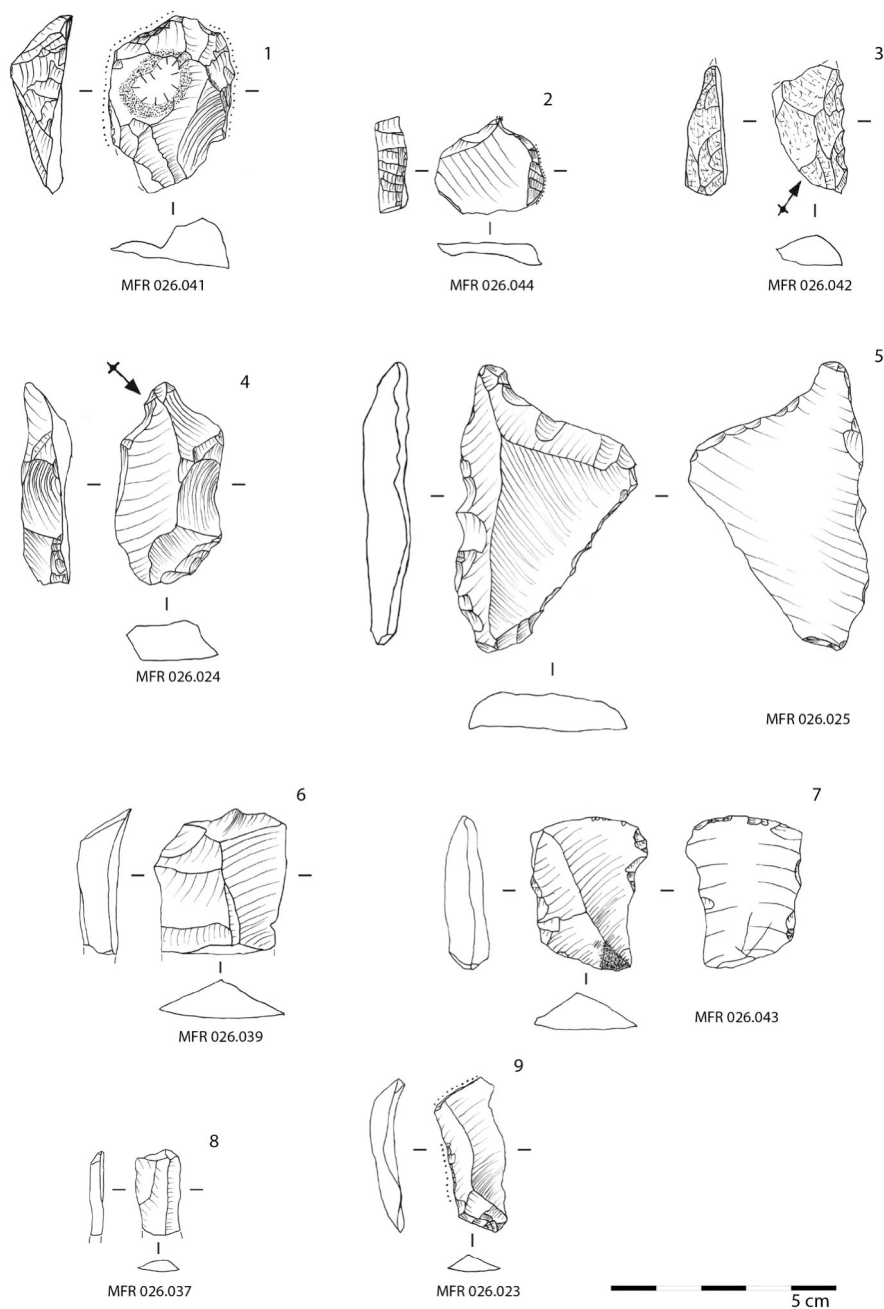


Fig. 7
Pedra lascada. 1 e 2- Raspadeiras sobre lasca (sílex); 3- Raspador sobre lasca cortical (quartzo); 4 e 5- Furadores sobre lasca (sílex); 6, 8 e 9 - Fragmentos de lâminas; 7- Lasca bruta

No conjunto dos elementos em sílex, a maioria corresponde a subprodutos do talhe (47%), seguidos por utensílios (20%), produtos de debitação brutos (17%) e material de preparação/reavivamento (13%), assumindo os núcleos, de lascas e lamelas, um peso pouco significativo (3%). De referir ainda a recolha de um núcleo abandonado numa fase inicial do processo de descorticagem, com apenas um levantamento registado (MFR 026.253). Os restantes núcleos (N=4) apresentam dimensões muito reduzidas, sendo frequentemente observável uma justaposição dos negativos da extração de suportes alongados e os negativos de outros produtos.

Ainda que este não seja um conjunto artefactual particularmente abundante, foi possível reconhecer os principais objetivos das cadeias operatórias: a obtenção de lascas e suportes alongados. As lascas, maioritariamente não-corticais, foram o principal produto debitado (N=41, das quais 17 apresentam retoque marginal ou sinais de uso). O retoque nestes exemplares é tendencialmente descontínuo, sugerindo um uso expedito, específico de determinadas tarefas. Também no que concerne a utensilagem, sendo, portanto, diferenciada dos produtos de debitação, as lascas são o suporte preferencial, registando-se uma lasca denticulada, um número muito significativo de lascas com entalhe, assim como de raspadeiras, e de um furador parcialmente cortical. Em termos genéricos, parecem apresentar um único módulo de dimensões, de pequenas lascas.

Para a análise dos suportes alongados foi adotado o critério artificial dos 12 mm com o intuito de distinguir as lamelas (N=5) das lâminas (N=8) (Inizan *et al*, 1995). O padrão de fragmentação destes suportes é apresentado no Quadro 3. Nenhum exemplar se encontra inteiro, apresentando a maioria fratura acidental – há, no entanto, três casos registados de fraturas intencionais, por flexão. Nos fragmentos proximais, verificou-se a presença de talões lisos e facetados, com bolbos pouco nítidos ou ausentes. As secções transversais são maioritariamente trapezoidais (54%) e os suportes apresentam bordos paralelos, com nervuras convergentes. Mesmo sendo um conjunto notoriamente reduzido, os elementos que conservam a extremidade distal indicam um predomínio dos perfis direitos. O tratamento térmico não constitui um traço distintivo da técnica de talhe utilizada na obtenção destes suportes. Macroscopicamente, detetou-se um fragmento de lâmina com “lustre de cereal”, admitindo-se, então, que se trata de um elemento de foice. As dimensões métricas deste conjunto são relativamente homogéneas, indicadoras de um conjunto pouco robusto, destacando-se apenas um fragmento mesial não retocado com uma largura máxima de 26,7 mm (Fig. 8–6). De facto, sem este registo, a largura média verificada para todos os suportes foi de $12,2 \pm 2,59$ mm (N=12).

Quadro 3 – Padrão de fragmentação dos suportes alongados

FRAGMENTAÇÃO DOS SUPORTES LONGADOS	N	%
Proximal	4	30,77
Mesial	6	46,15
Distal	3	23,08
TOTAL	13	100,00

Relativamente à utensilagem produzida com recurso a estes suportes (Fig. 8), destaca-se, pelo seu significado crono-cultural intrínseco, a presença de um crescente sobre lamela com retoque marginal abrupto direto restringido à truncatura semicircular (MFR.026.338). Da mesma forma, uma lâmina truncada realizada sobre fragmento proximal, com nervura central, talão tipo asa de pássaro e um bolbo nítido com esquirolamento, registando ainda indícios de tratamento térmico (MFR.026.229). Notaríamos também a identificação de um furador sobre lâmina com retoque oblíquo e abrupto contínuo e um entalhe no bordo esquerdo (MFR. 026.011) e de um outro furador, com córtex vestigial, sobre lasca (MFR.026.157).

Estão presentes todas as fases da cadeia operatória, ainda que a presença de material de preparação e reavivamento, assim como dos núcleos, seja diminuta. De facto, cerca de 37% dos elementos recolhidos correspondem a produtos debitados brutos e utensílios, indicando que as diversas formas de talhe não decorreriam de forma integral no povoado. Contudo, foi identificada uma componente material passível de relacionar com a atividade do talhe no local, nomeadamente a presença de nódulos meramente testados, determinadas lascas de descorticagem e um número significativo de subprodutos do talhe. Não foi possível proceder a remontagens, considerando o elevado estado de fragmentação, a dispersão espacial acentuada do conjunto e a própria variabilidade da matéria-prima utilizada. Verifica-se, portanto, um certo grau de "importação" dos suportes analisados, estivessem estes retocados ou não.

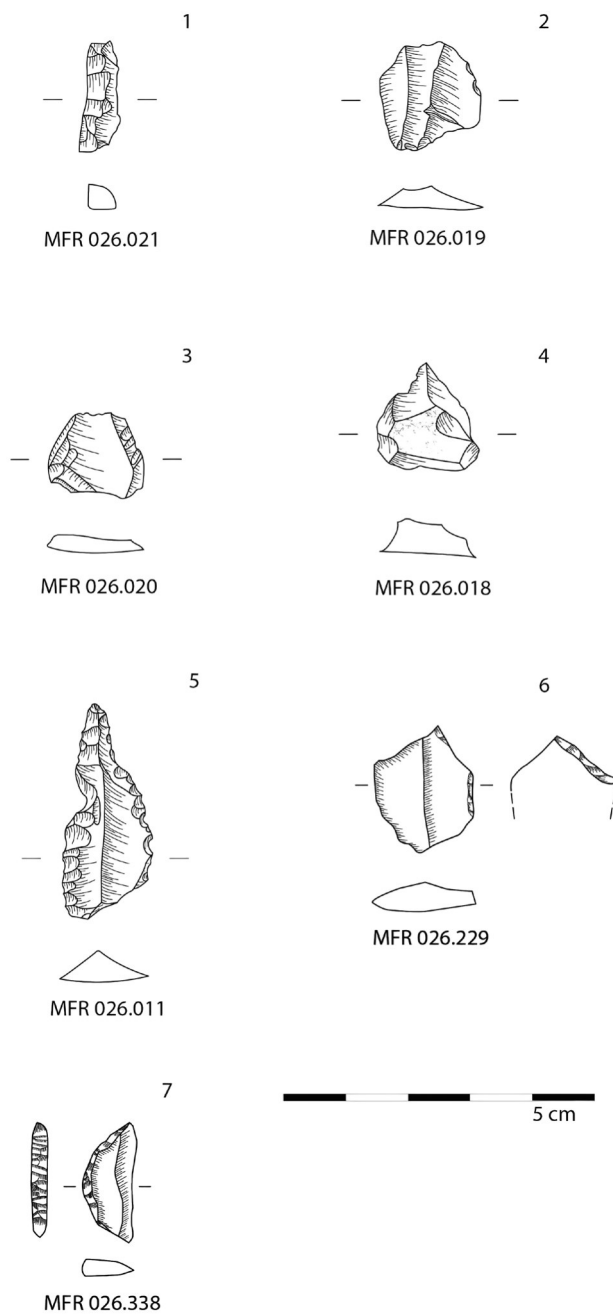


Fig. 8
Pedra lascada. 1- Resto de talher retocado; 2 e 3- Lascas retocadas; 4 e 5- Furadores sobre lasca e lâmina, respetivamente;
6- Lâmina truncada; 7- Crescente sobre lamela.

A observação das superfícies corticais nos registos em que este se manifestava (26%) permitiu definir um claro modelo de aprovisionamento, tendo sido registada a presença de um córtex de alteração (fino, até 2 mm), mais ou menos rolado, proveniente de fontes em posição secundária (Fig. 9). Nesse sentido, a observação macroscópica das matérias-primas siliciosas revelou uma correspondência significativa com silicificações do Cenomaniano (Cretácico). Foram registados exemplares de grão fino-médio, com boa aptidão para o talhe e textura *mudstone*, com uma variabilidade cromática assinalável (registando-se, inclusive, algumas zonações avermelhadas) e evidenciando a presença de vestígios bioclásticos deficientemente preservados (e escassos). Estas são características semelhantes ao sílex Cenomaniano de Runa, Torres Vedras, cuja deposição primária está bem identificada, apesar de ter sido provavelmente recolhido em posição secundária pelas comunidades neo-calcolíticas nos terraços quaternários, sob a forma de pequenos nódulos (Jordão e Pimentel, 2019). Contudo, não se encontra excluída a possibilidade de se verificar uma correspondência com o sílex Cenomaniano de Negrals, Sintra, que também exhibe uma textura *mudstone*, ainda que escassamente preservada, um conjunto de elementos bioclásticos e fissuras preenchidas, sendo também obtido sob a forma de nódulos (Jordão e Pimentel, 2017: p. 184). Constituem, portanto, matérias-primas disponíveis à escala local-regional: respetivamente, a 19 km NE e 10 km SE dos Gonçalves.

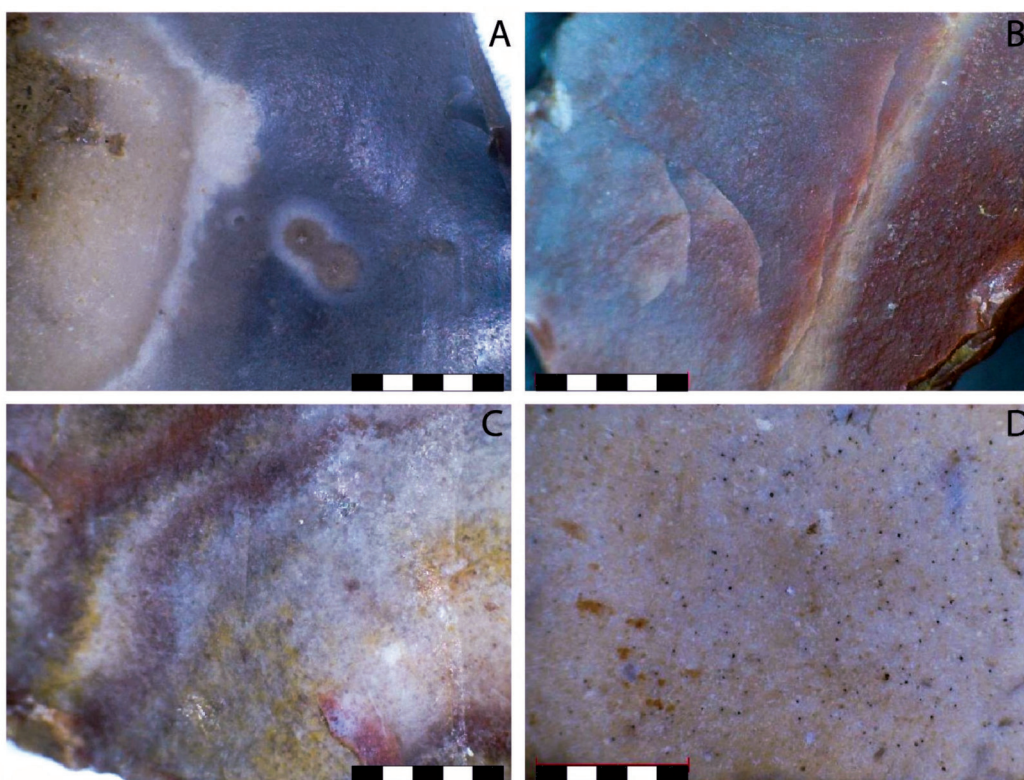


Fig. 9
Aspectos macroscópicos (x50) do sílex utilizado nos artefactos de pedra lascada do sítio dos Gonçalves.
A escala corresponde a 2,5 mm

3.3.2. PEDRA POLIDA

Nesta categoria artefactual são apenas enquadráveis três registos: um fragmento mesial de um instrumento indeterminado de secção ovalada, possivelmente um machado, dadas as características das faces e dos bordos, produzido sobre rocha ígnea; um machado fraturado pelo eixo longitudinal, com contorno subretangular, de faces planas e cuidadosamente polido no gume, produzido sobre rocha metamórfica; um pequeno machado de gume simétrico de secção subcircular, polido de forma integral e realizado em fibrolite (Fig. 10). Este último exemplar apresenta 3,8 cm de comprimento, 1,6 cm de largura e 1,3 cm de espessura.

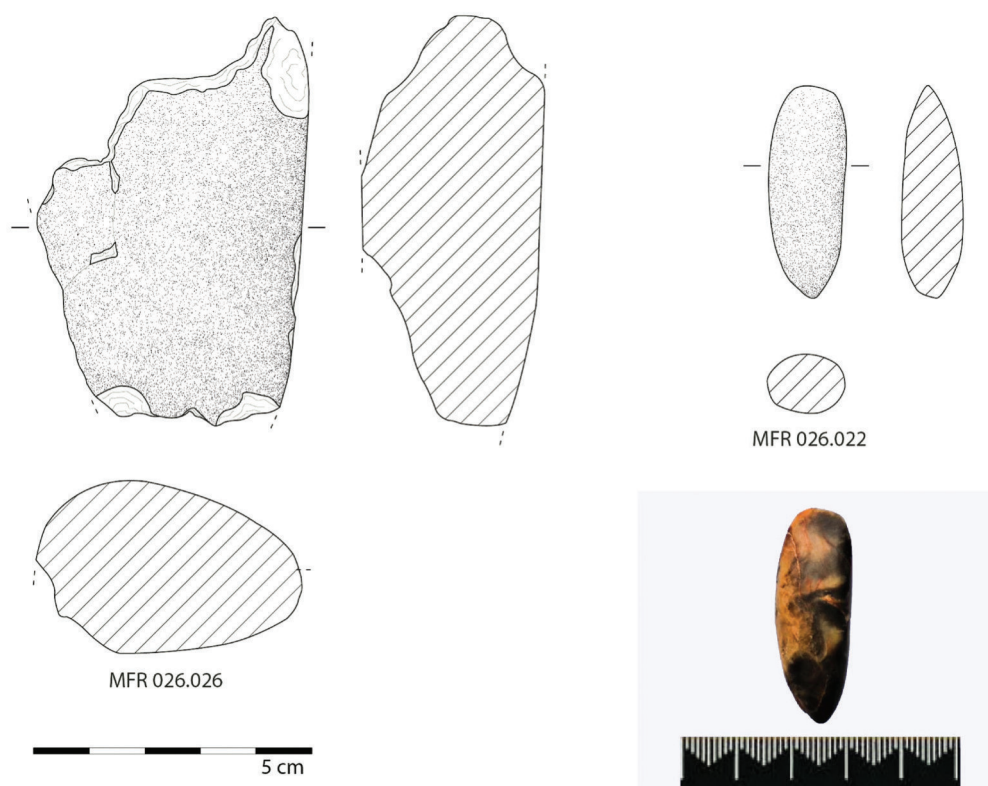


Fig. 10
Pedra polida. Machado sobre rocha ígnea e pequeno machado de fibrolite

Apesar da sua manifesta escassez, é um conjunto que integra características distintas. De um lado, encontra-se representado o carácter manifestamente funcional destes artefactos nos dois fragmentos de machados que foram recolhidos. Todavia, no que concerne as matérias-primas utilizadas na sua produção verifica-se o seguinte: enquanto a rocha ígnea se encontra disponível nas proximidades dos Gonçalves, a rocha metamórfica terá sido obtida numa outra litologia, de carácter extra-regional. De outro lado, está igualmente representada uma dimensão não-funcional dos instrumentos de pedra polida no pequeno machado de fibrolite. O seu carácter simbólico/votivo poderá ser assumido ao valorizar a sua dimensão, o baixo grau de dureza e o facto de não apresentar qualquer marca de utilização, nomeadamente no gume. A definição de uma área de origem para os artefactos produzidos sobre fibrolite (silimanite) é complexa. Apesar de serem conhecidos veios desta matéria-prima nas zonas de Montargil, Campo Maior e Arraiolos (Andrade, 2020), não foi ainda inequivocamente demonstrada a sua exploração durante a Pré-História. De qualquer forma, a sua presença significativa na região da Estremadura, em que os Gonçalves estão inseridos, sugere uma importante rede de intercâmbio inter-regional capaz de transportar estes produtos a longas distâncias.

3.3.3. PEDRA AFEIÇOADA

Também esta categoria se encontra apenas representada por três registos. Dois destes referem-se a percutores: um sobre seixo de quartzito, parcialmente lascado pelo impacto da sua utilização, e outro em arenito, com evidentes marcas de utilização.

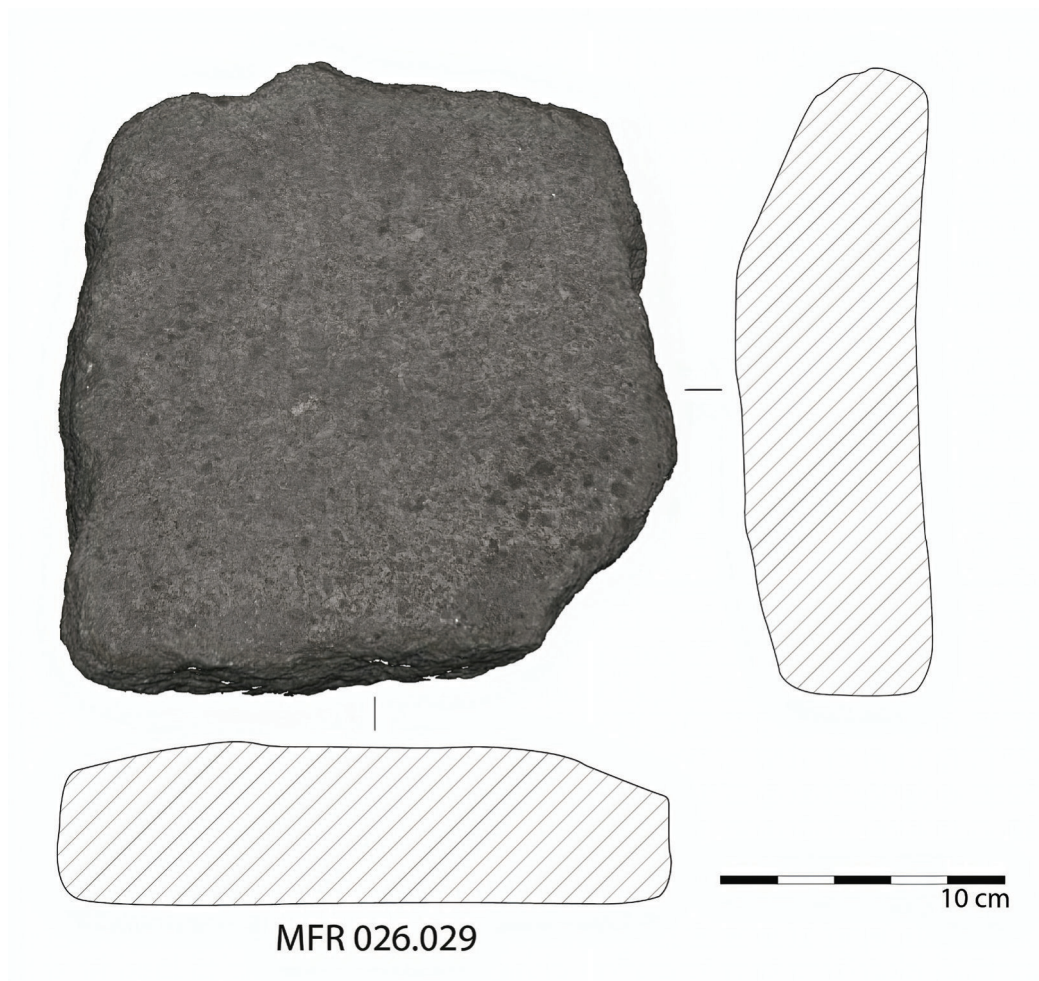


Fig. 11
Pedra afeiçãoada. Dormente de arenito

O terceiro registo reporta-se ao dormente em arenito, disponível à escala local, recolhido no enchimento pétreo da fossa U.E. 8 (Fig. 11). Apresenta contorno retangular, com 22,2 cm de comprimento, 21,71 cm de largura e uma altura média de cerca de 6 cm. Os bordos e as extremidades encontram-se bojardados e a sua superfície ativa,

ainda que totalmente plana, encontra-se parcialmente polida. Tradicionalmente, a presença destes elementos em âmbitos domésticos tem sido interpretada como um parâmetro sólido para a identificação de atividades económicas típicas das sociedades camponesas, como é o caso da moagem de espécies vegetais. Porém, não se poderá excluir a sua utilização como plataforma de esmagamento. Assim, a sua identificação parece indicar uma ocupação sazonal, de carácter específico, integrada no grande esquema de mobilidade que caracteriza estas comunidades.

3.3.4. CERÂMICA

O espólio cerâmico recolhido é diminuto e aparentemente pouco esclarecedor relativamente ao seu enquadramento crono-cultural. Num total de 24 registos, apenas três (13%) são classificáveis (Fig. 12). Correspondem a formas abertas, nomeadamente taças em calote de média dimensão, que contam com uma grande longevidade no registo arqueológico, sem qualquer decoração ou elementos de preensão. Quanto à morfologia dos bordos, estes são não-espessados e com os lábios arredondados. Não foi identificado qualquer vaso de armazenamento. Acrescente-se também que os fragmentos inclassificáveis se apresentam genericamente rolados, atestando o elevado grau de transporte que sofreram.

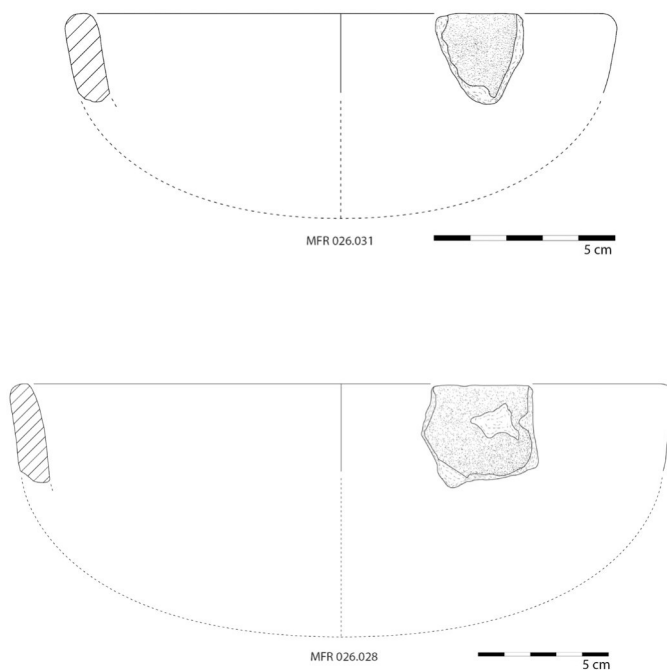


Fig. 12
Cerâmica. Fragmentos classificáveis, correspondendo a formas abertas e simples

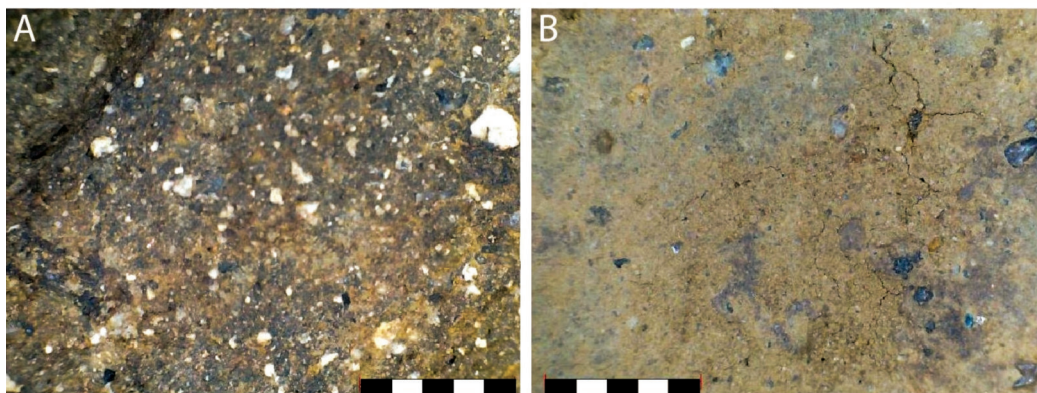


Fig. 13
Aspetos macroscópicos (50x) das pastas dos fragmentos cerâmicos do sítio dos Gonçalvinhos. A escala corresponde a 2,5 mm

É de salientar a heterogeneidade destes exemplares, tanto ao nível da cozedura, como do tratamento da superfície (Fig. 13). Alguns registos apresentam cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante, aplicação de engobe em superfícies lisas e pastas friáveis. Outros evidenciam cozeduras redutoras, com superfícies rugosas e pastas compactas. Relativamente aos elementos não plásticos identificados, de calibre fino a médio, o mineral que parece dominar é o quartzo de matriz angulosa, tendo sido também observado feldspato e calcário, todos localmente disponíveis.

4. TEMPO E MODO: CONTRIBUTOS PARA A INTERPRETAÇÃO DOS GONÇALVINHOS

4.1. OS TEMPOS NEOLÍTICOS DE GONÇALVINHOS

Na ausência de datações absolutas e perante a má conservação estratigráfica do sítio não é fácil avançar para uma cronologia para o sítio de Gonçalvinhos. A proposta aqui avançada fundamenta-se essencialmente nas presenças e em algumas ausências da cultura material recolhida e da comparação com contextos coevos em termos regionais.

O conhecimento da cultura material para o Neolítico antigo, na segunda metade do 6.º milénio a.n.e., encontra-se já caracterizado de forma significativa em povoados da Península de Lisboa, nomeadamente em São Pedro de Caneferrim, Sintra (Simões, 1999) ou no Carrascal, Oeiras (Cardoso, 2015). Em Mafra existem habitats que indicam essa cronologia, como a Cova da Baleia (Sousa *et al*, 2018), mas tudo indica que se trata

de uma ocupação muito curta que ainda não foi caracterizada cronometricamente. Como característica da cultura material desta fase inicial do Neolítico nesta região, importa salientar a enorme escassez das cerâmicas cardiais, presentes classicamente em sítios desta etapa crono-cultural da bacia do Mediterrâneo (Sousa, 2016–2017). As datações obtidas para o Lapiás das Lameiras (Sintra), sobre cereais e restos faunísticos de espécies domésticas (López-Doriga, 2015) indicam, contudo, que a cronologia do Neolítico desta região é muito antiga, a mais recuada no território português.

Para a fase do Neolítico antigo evoluído, entre finais do 6.º e a primeira metade do 5.º a.n.e., aumenta significativamente o número de ocorrências, mas na generalidade dos casos trata-se de trabalhos antigos com insuficiente caracterização crono-estratigráfica. Entre estes casos salienta-se o notável achado de um vaso intacto na Praia de São Julião, Mafra (Sousa e Soares, 2016). Tradicionalmente esta fase caracteriza-se pela multiplicidade de padrões decorativos na cerâmica e uma expansão do povoamento.

Quanto ao Neolítico médio, permanece ainda um período muito desconhecido no atual território português (Neves, 2018), podendo genericamente ser balizado entre meados do 5.º e meados do 4.º milénio a.n.e. Em Lisboa, o sítio da Encosta de Sant'Ana (Muralha e Costa, 2006), parece encontrar-se nesta baliza cronológica. Podemos eventualmente individualizar um Neolítico médio inicial (Neves e Diniz, 2014) na segunda metade do 5.º e um Neolítico médio pleno durante a primeira metade do 4.º milénio já coevo até ao advento das primeiras tumulações megalíticas. Enquanto o Neolítico antigo e o Neolítico final se encontram bem caracterizados, quer em termos cronométricos, quer em termos da cultura material, o Neolítico médio oferece uma dificuldade significativa de caracterização, sendo genericamente associado a um reportório cerâmico liso, de formas derivadas da esfera, com escassa presença de decorações simples como o sulco abaixo do bordo, a presença de geométricos sob lâmina – maioritariamente trapézios – e de matérias primas de origem local.

É no Quadro 4 que se procura o enquadramento crono-cultural de Gonçalves.

Quadro 4 – Presenças e ausências da cultura material de Gonçalves

	PEDRA LASCADA	PEDRA POLIDA	CERÂMICA
Presença	Armaduras geométricas Lâminas e Lamelas Tratamento térmico	Matérias-primas locais Secções ovais	Taças lisas
Ausência	Produtos foliáceos Pontas de seta	Anfibolito Secções retangulares	Decoração em espiga Decoração cardial Bordos dentados Copos canelados Folha de acácia Campaniforme

Mesmo sendo o conjunto mais significativo, a indústria de pedra lascada recolhida nos Gonçalves não é composta por uma abundância de elementos-diagnóstico que permitam uma caracterização crono-cultural inequívoca. São, porém, suficientes para avançar com uma proposta de enquadramento genérico.

A **pedra lascada** corresponde ao mais abundante tipo artefactual. O conjunto é relativamente homogéneo, não existindo nenhum fóssil-diretor claramente associado ao Paleolítico como sugeriam as primeiras recolhas neste local. Deve ser realçada a presença de matérias-primas como o quartzito, pouco frequente nos conjuntos quer do Neolítico antigo regional quer do Neolítico final / Calcolítico. Os escassos produtos debitados apontam para uma importância das lascas, seguida das lâminas e finalmente das lamelas. Apesar da pouca representatividade numérica do conjunto, podemos de alguma forma enquadrar este modelo de debitage numa fase intermédia do Neolítico. Cruzando as presenças e as ausências, podemos talvez avançar um pouco na proposta cronométrica.

A presença de duas armaduras geométricas, um crescente sobre lamela e de uma pequena lâmina com truncatura, sugere uma relação clara com contextos de fases iniciais do Neolítico. O segmento encontra paralelos, por exemplo, nos povoados de São Pedro de Canaferrim, Sintra (Simões, 1999), do Carrascal, Oeiras (Cardoso, 2015: fig.3-14) e de Cortiços, Almeirim (Cardoso *et al*, 2013), mas também em contextos mais tardios como é o caso do Palácio dos Lumiares, em Lisboa (Valera, 2014a: fig. 12). Os crescentes surgem igualmente em sepulcros megalíticos antigos como é o caso da gruta-necrópole de Poço Velho, Cascais (Gonçalves, 2009), mas neste caso

apresentam dimensões superiores, distintas do exemplar de Gonçalves que tem apenas 7,4 mm de largura máxima. Deve ser ainda realçado que a presença residual de armaduras geométricas pode também ocorrer em fases mais avançadas, como sucede no exemplar único do Penedo do Lexim (Sousa, 2010) ou de alguns *tholoi* do Baixo Alentejo (Russo e Sousa, 2017). A manifesta ausência de utensilagem foliácea no universo da pedra lascada, nomeadamente de pontas de seta e grandes pontas bifaciais, sugere uma cronologia anterior à segunda metade do 4.º milénio a.n.e. (correspondendo, nesta região, ao Neolítico final).

A **cerâmica**, usualmente fóssil-diretor privilegiado, é muito escassa, evidenciando, todavia, algumas ausências interessantes. Sendo exclusivamente lisa, aponta também para uma fase intermédia do Neolítico. Estão ausentes os motivos decorativos incisos e impressos, típicos do Neolítico antigo e antigo evolucionado. Também não se regista a presença de cerâmica com as decorações do 4.º/3.º milénio nomeadamente os bordos denteados (Neolítico final), os copos e taças caneladas (Calcolítico inicial), as decorações do grupo folha de acácia (Calcolítico pleno) e as integráveis no fenómeno campaniforme (Calcolítico pleno). Mesmo tratando-se de um sítio particularmente afetado, as ausências destas cerâmicas parecem indicar uma fase intermédia do Neolítico. No vizinho sítio de Gorcinhos, por exemplo, identificado em acompanhamento arqueológico da A21, registou-se a presença de cerâmica decorada em espiga (integrável no Neolítico antigo) e também de abundante cerâmica campaniforme (Calcolítico final), o que indica uma diacronia de ocupação longa.

Também os elementos de **pedra polida** contribuem no âmbito desta discussão. Desde logo, a própria escassez destes registos poderá atuar como um indicador cronológico sólido, próprio de uma fase ainda incipiente das atividades agrícolas. Num segundo momento, torna-se importante refletir acerca da ausência de rochas anfibólicas, sugerindo que a ocupação pré-histórica nos Gonçalves antecederá a sua exploração, e conseqüente disseminação em larga escala, a partir da região alto-alentejana – algo que é particularmente evidente a partir do final do 4.º e, de forma inequívoca, do início do 3.º milénio a.n.e. Finalmente, a identificação do pequeno machado de fibrolite reafirma a integração deste território na rede de circulação de matérias-primas, mas também de gentes e ideias, vigente desde o Neolítico antigo e que, por sua vez, parece decrescer durante o Neolítico médio, ainda que este possa ser um reflexo de uma indefinição genérica que ainda se mantém em torno desta etapa crono-cultural. A presença deste tipo de artefactos no nível de ocupação do Neolítico antigo da Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso e Caninas, 2010) e na estação dos Cortiços (Cardoso *et al*, 2013) parece ser demonstrativa desta realidade.

Cruzando as presenças com as ausências, parece-nos que o sítio de Gonçalves se integraria no denominado Neolítico médio, entre finais do 5.º e a primeira metade do 4.º milénio. Mas isso só poderia ser efetivamente confirmado caso fosse possível obter uma datação para a fossa, o que não foi ainda possível por constrangimentos da amostra recolhida.

4.2. OS MODOS DE OCUPAÇÃO

A área de dispersão de materiais em Gonçalves é muito ampla, superior a 4 hectares, mas a densidade de materiais é baixa. A ausência de estratificação preservada parece indicar que o sítio terá sido amplamente afetado por fenómenos pós-deposicionais associados às práticas agrícolas intensivas deste local. Deve ser realçado que o sítio se localiza numa área anexa a uma localidade de origem quinhentista (1513 – foral manuelino), bastante próximo da vila de Mafra. É assim provável que a grande dispersão de materiais corresponderá provavelmente a um núcleo de habitat de menor dimensão.

Neste contexto de profunda afetação dos estratos arqueológicos, os únicos contextos relativamente preservados são efetivamente os depósitos de colmatação do fosso e da fossa. Assim, podemos propor a existência de um pequeno habitat com estruturas e níveis de ocupação que foram integralmente destruídas.

Não há dúvida que a fossa é neolítica, atendendo à tipologia e ao enchimento exclusivamente com materiais neolíticos. A tipologia da fossa de Gonçalves, com planta circular e base plana, encontra paralelos regionais com as fossas do Lapiás das Lameiras, em Sintra (López-Doriga, 2015; López-Doriga e Simões, 2015), com cronologia do Neolítico antigo ou na Travessa das Dores, em Lisboa (Neto *et al*, 2019), datado do Neolítico final. A presença de grandes blocos de pedra no interior da fossa pode estar relacionada com fenómenos de abandono periódico destas estruturas negativas. Deve ser referido que na área da sondagem 1, apesar de não se ter detetado qualquer nível preservado, surgiram vários blocos de pedra que poderiam corresponder a estruturas desmanteladas. A propósito das fossas da Travessa das Dores, é aventada a hipótese de os blocos pétreos fazerem parte de uma estrutura de alvenaria de envolvimento de fossas (Neto *et al*, 2019), sendo efetivamente comuns em estruturas neolíticas deste tipo. É provável que o topo do silo tenha sido cortado, o que nos dificulta a sua caracterização formal, mas as paredes muito regulares parecem denunciar que se tratasse de uma morfologia aberta, troncocónica (cf. Prats *et al*, 2020).

O que é pouco comum é o posicionamento isolado desta fossa, mas de facto conhecemos muito mal as estruturas domésticas deste período, podendo constituir uma unidade habitacional isolada. Atendendo à grande área intervencionada, quer manual quer mecanicamente, temos neste caso a certeza de se tratar de uma estrutura isolada.

A funcionalidade desta fossa estaria certamente relacionada com o armazenamento de cereal, como se encontra extensamente documentado na pré-história peninsular (Prats *et al*, 2020). É muito representativo que o único elemento de moagem se tivesse encontrado dentro do silo, de alguma forma confirmando o processamento de cereal que teria ocorrido neste local. O número de elementos de moagem é relativamente reduzido na maior parte dos povoados neolítico e calcolíticos da Estremadura, contrastando com o que sucede no Sul de Portugal, particularmente no Neolítico final e Calcolítico. A tipologia da mó de Gonçalves é de alguma forma distinta dos exemplares identificados no Penedo do Lexim, apresentando um menor nível de concavidade e também uma forma subrectangular, encontrando paralelos com contextos neolíticos mais antigos como Carrascal (Cardoso, 2015), Casas Novas (Gonçalves e Sousa, 2018) ou Valada do Mato (Diniz, 2007). Sendo a região de Mafra caracterizada pelo seu pão característico, até ao momento podemos considerar que se trata da evidência mais antiga de prováveis práticas de processamento do cereal e, eventualmente, de pão neolítico em área mafrense.

A circunstância de não se ter preservado convenientemente os carvões na base da fossa dificulta quer a datação absoluta quer a determinação paleobotânica que seria essencial para a compreensão da funcionalidade desta estrutura. De qualquer forma, a presença de uma fossa, mesmo que isolada, confirma uma ocupação de carácter semi-permanente neste local, sendo provável que correspondesse ao uso comunitário de um pequeno grupo.

O fosso de Gonçalves oferece mais dificuldade de interpretação quer em termos funcionais quer em termos cronológicos.

Por um lado, apesar do sedimento do depósito de enchimento ser claramente distinto, não se recolheram quaisquer elementos antrópicos, quer de utilização pré-histórica, quer de cronologia pré-histórica. Por outro, a configuração semicircular deste “fosso” sem qualquer continuidade, resulta de difícil compreensão. A proximidade das duas “estruturas” e o tipo de enchimento constituem os únicos argumentos que parecem indicar uma cronologia pré-histórica para este segmento de fosso.

Quando fizemos a intervenção em 2005 estávamos ainda numa fase inicial do nosso conhecimento sobre os fossos no atual território português e por isso eram escassos os paralelos que pudessem enquadrar este "fosso" ou canal.

Em 2021, temos já documentados 55 recintos de fossos no atual território português (Valera e Pereiro, 2020), mas são muito reduzidas e complexas as evidências de fossos para a Estremadura portuguesa, limitando-se à Travessa das Dores, Leceia (Neto *et al*, 2019) e Santa Sofia (Pimenta *et al*, 2013). Em qualquer dos casos as evidências são de difícil compreensão, não existindo propriamente a delimitação de um recinto, aliás como sucede em Gonçalves. No caso dos sítios acima mencionados, a circunstância de existirem sucessões de ocupações e de uma escavação necessariamente parcelar limitada pode explicar a ausência de um recinto, mas tal não se aplica a Gonçalves, onde toda a área foi aberta e delimitada.

Sabemos que alguns dos fossos são construídos em troços interrompidos, como se encontra evidente em muitos recintos do Norte da Europa (Turek, 2012) ou no caso do recinto da Belavista (Valera, 2014b). Noutros casos o fosso delimita parte de uma área, "fechando" a área mais aberta, como sucede no Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves e Sousa, 2017). No caso de Gonçalves não é compreensível a explicação desta estrutura, nem a nível funcional com a explicação de escoamento de água proposta por vários autores (Cámara Serrano *et al*, 2011; Rodrigues, 2015), nem a nível simbólico (Valera, 2013), nem a nível defensivo como os citados fossos do Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves e Sousa, 2017). Pode-se eventualmente colocar a hipótese deste pequeno fosso estar associado a uma estrutura (paliçada) de delimitação de uma pequena unidade habitacional. Nos últimos 20 anos o conhecimento das problemáticas dos recintos de fossos foi incrivelmente ampliado. Mas ainda temos muitas lacunas de conhecimento e para o caso de Gonçalves não é claro, mas admissível, que se trate efetivamente de um fosso.

Estão documentados fossos de cronologias antigas no Neolítico ao nível europeu e da Península Ibérica. Até ao momento o sítio da Senhora da Alegria, Coimbra, regista as estruturas de fossos mais antigas do atual território português (Valera, 2013a, 2013b), incluindo um pequeno fosso do Neolítico antigo (com cardial) e várias linhas de fossos estreitos e pouco profundos, ainda com geométricos, cerâmica lisa e sem pontas de seta, integráveis no Neolítico médio. É com os fossos de Senhora da Alegria que encontramos uma morfologia mais similar ao registado nos Gonçalves, quanto à escassa largura e profundidade, mas estes contextos ainda estão insuficientemente publicados. Quando comparamos os fossos da Senhora da Alegria ou Gonçalves com os "fossos" de Mas d'Is, Alicante, são óbvias as diferenças (Bernabeu Aubán *et al*, 2012).

5. GONÇALVINHOS E OS TERRITÓRIOS NEOLÍTICOS: MAFRA E PENÍNSULA DE LISBOA

Gonçalvinhos localiza-se numa área de intenso impacto antrópico, área de uso rural desde épocas históricas. Existem nas imediações várias ocorrências arqueológicas pré-históricas que podem estar associadas a este sítio, mas em muitos casos a evidência arqueológica é muito restrita, o que dificulta a interpretação geral de uma rede de povoamento.

A escassos 300mNE encontra-se o sítio dos **Gorcinhos** (CNS – 22985), identificado por Carlos Costa no âmbito do acompanhamento arqueológico da A21. Este sítio propiciou a recolha de um elevado número de materiais arqueológicos, nomeadamente um conjunto de cerâmicas calcolíticas campaniformes (marítimas, pontilhado geométrico, inciso, incluindo taças tipo palmela) e também um fragmento cerâmico com elemento de prensão com decoração impressa que pode ser associada ao Neolítico antigo / antigo evoluído. Apresenta uma implantação aberta, e inclui ainda a presença de pedra polida e de pedra lascada.

O sítio neolítico do **Sobreiro** (CNS – 30749), situado a cerca de 2 km N dos Gonçalvinhos, foi também profundamente afetado por trabalhos agrícolas e provavelmente pela extração de barro pelas várias olarias que funcionaram na região. No âmbito das sondagens no âmbito da A21 (Sousa, 2008), aí realizadas não foi identificada qualquer estrutura e a camada onde foram recolhidos elementos materiais pré-históricos registou também a presença de materiais modernos. O espólio arqueológico é exclusivamente constituído pela indústria de pedra lascada e por escassos fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pelo que a tendência verificada é semelhante à que foi possível verificar para os Gonçalvinhos. Relativamente à primeira categoria artefactual, são raros os elementos passíveis de identificar como material de preparação e reavivamento, registando-se uma importante frequência de produtos debitados brutos e utensilagem, perfazendo mais de 40% da totalidade do conjunto. No que concerne a utensilagem, merece destaque a recolha de um geométrico trapézio assimétrico, sobre lâmina, produzido sobre matéria-prima siliciosa de tonalidade acizentada (Fig. 14). Quanto à cerâmica recolhida, genericamente bastante fragmentada, identificou-se apenas um registo classificável, correspondendo a uma forma aberta com uma componente de aplicação plástica. A pasta apresenta-se grosseira e foi registada uma aguada na superfície exterior do recipiente.

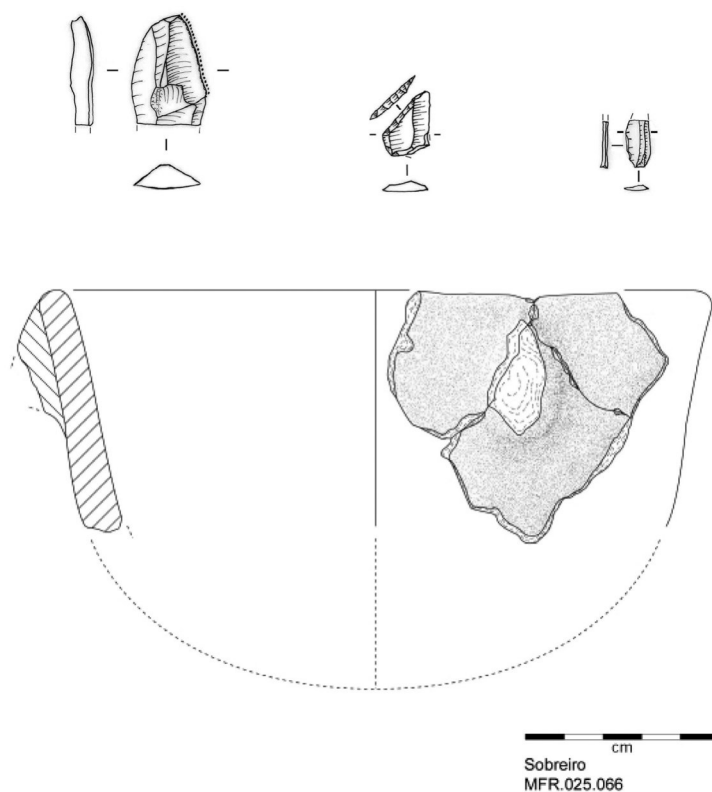


Fig. 14
Materiais arqueológicos atribuíveis ao Neolítico recolhidos no sítio do Sobreiro

Contrariamente ao que sucedeu para Gonçalves, as sondagens arqueológicas foram bastante restritas. A baixa densidade de espólio arqueológico e a inexistência de um nível pré-histórico preservado no sítio do Sobreiro pode indicar a presença de contexto habitacional situado no território imediatamente contíguo a Este ou traduzir fenómenos de profunda afectação dos estratos arqueológicos.

O sítio **Quintal 1** (CNS – 36801), situado a 850 m NE apenas evidenciava materiais na camada de superfície, não existindo quaisquer níveis preservados nas sondagens efetuadas pelo Gabinete de Arqueologia, também no âmbito da A21. Os escassos materiais recolhidos (essencialmente cerâmica) não permitem uma clara caracterização crono-cultural, sendo vagamente integráveis no Neolítico – Calcolítico, embora se saliente a ausência de cerâmica do Neolítico antigo ou do Neolítico final / Calcolítico. Quintal 1 situa-se numa área de vertente, não sendo improvável que os materiais constituam escorrimentos de cotas superiores. Aliás no topo da elevação onde se encontra a povoação do Quintal situa-se o “Moinho do Quintal” (Zbyszewski e Cardoso, 1978; Sousa e Pereira, 2005).

Também nas imediações do forno de cal do **Zambujal** (CNS– 29930), igualmente escavado na A21 (Sousa et al, 2019), foram recolhidos materiais de cronologia neolítica e calcolítica.

Um pouco mais longe, já na proximidade da área costeira, **Casas Velhas** (CNS– 3735), regista uma escolha em contexto de destruição de um habitat com ocupação do Neolítico final e Calcolítico final (Carreira e Lopes, 1994). Não se conhecem os contextos, mas a abundância e variedade de materiais parecem indicar que se trata de um povoado permanente.

A disseminação de ocorrências pode indicar a presença de intensa remobilização do solo por práticas agrícolas. Apenas no caso de Gonçalves, Gorcinhos, Sobreiro e Casas Velhas podemos claramente classificar os sítios como *habitat*. As ocorrências nesta região parecem traduzir um povoamento muito disseminado que é característico de duas épocas distintas: uma fase intermédia do Neolítico e o Calcolítico final com campaniforme.

A identificação de núcleos de povoamento agregado parece ser característica de alguns períodos e territórios da Estremadura, encontrando-se situações similares na zona da Foz do Lisandro / São Julião (concheiros do Lisandro, São Julião e Abrigos) ou na zona do Pipo, Igreja Nova (Cabecinho da Capitôa 1, Cabecinho da Capitôa 2, Sopé do Cabecinho da Capitôa, Pipo 1, Pipo 2).

Existe assim uma dualidade. Por um lado, temos uma grande afectação do subsolo após milénios de práticas agrícolas nestes territórios, afectando decisivamente a nossa interpretação destas concentrações de materiais. Por outro, a pouca densidade de materiais pode indicar a presença de pequenos núcleos habitacionais, com reduzida expressão das estruturas domésticas, exceptuando o caso de Gonçalves.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O QUE SABEMOS ENTÃO DA OCUPAÇÃO HUMANA EM GONÇALVINHOS?

A presença de uma fossa / silo denuncia uma ocupação de carácter mais permanente associada às sociedades camponesas. O reduzido número de materiais parece indicar que se trataria de um pequeno habitat e a existência de numerosas ocorrências na área envolvente poderá traduzir um povoamento muito disseminado num território relativamente extenso.

EXISTE UM FOSSO NEOLÍTICO NOS GONÇALVINHOS?

Avançámos bastante no conhecimento deste tema nos últimos 10 anos, mas é ainda arriscado afirmar com segurança que: 1) se trata de uma estrutura antrópica; 2) que é contemporânea da fossa / silo; 3) configura uma delimitação tipo recinto.

E O NEOLÍTICO MÉDIO?

Infelizmente, como sucede em outros contextos como Moita do Ourives (Neves, 2018) ou Fábrica da Celulose (Silva e Soares, 2018), não foi possível obter uma datação absoluta e a informação crono-estratigráfica é escassa.

Serve o presente artigo para fornecer mais um contributo para o conhecimento do fenómeno dos fossos e das fossas, bem como das fases intermédias do Neolítico, e também para a descodificação das dinâmicas humanas das comunidades que ocuparam o território que hoje chamamos de Mafra.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. A. – “From matter to essence. Sourcing raw materials for the votive artefacts of the megalithic communities in Ribeira da Seda (North Alentejo, Portugal): a preliminary approach”. In R. BOAVENTURA, R. MATALOTO, & A. PEREIRA (Eds.) – *II International Meeting MEGA-TALKS. Megaliths and Geology: Moving Stones in the Neolithic*. Summertown: Archaeopress, 2020. p. 57–86.
- BERNABEU AUBÁN, J., OROZCO KOHLER, T., & DIEZ CASTILLO, A. – “Mas d’Is y las construcciones con fosos del VI al III milenio cal a.C. MARQ”. *Arqueología y Museos*. 5. (2012); p. 53–72.
- CÁMARA SERRANO, J., SPANEDDA, L., GÓMEZ DEL TORO, E., & LLIZCANO PRESTEL, R. – “La discusión sobre la función de los fosos en la Prehistoria reciente del sur de la Península Ibérica. Modas y temores”. In J. ABELLÁN, C. LAZARICH, & V. CASTANEDA (Eds.) – *Homenaje al Profesor Antonio Caro Bellido*. Vol. 1. Cádiz: Universidade de Cádiz, 2012. p. 61–80).
- CARDOSO, J. L. – “A Estação do Neolítico antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal)”. In V. S. GONÇALVES, M. DINIZ, & A. C. SOUSA (Eds.) – *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ/Faculdade de Letras–Universidade de Lisboa, 2015. p. 159–168.
- CARDOSO, J. L., & CANINAS, J. C. – “Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado”. In V. S. GONÇALVES & A. C. SOUSA (Eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2010. p. 65–94.
- CARDOSO, J. L., CARVALHO, A. F., & GIBAJA BAO, J. F. (2013). O sítio do Neolítico antigo de Cortiços – Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16 (2013); p. 27–61.
- CARREIRA, J. R., & LOPES, F. M. P. – “A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra)”. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1994. p. 137–146.
- DINIZ, M. – *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2007.
- GONÇALVES, V. S. – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2009a.
- GONÇALVES, V. S., & SOUSA, A. C. – “The Shadows of the Rivers and the Colours of Copper. Some Reflections on the Chalcolithic Farm of Cabeço do Pé da Erra (Coruche, Portugal) and its Resources”. In M. BARTELHEIM, P. BUENO RAMIREZ, & M. KUNST (Eds.) – *Key Resources and Sociocultural Developments in the Iberian Chalcolithic*. Tübingen: Tübingen Library Publishing, 2017. p. 143–166.
- GONÇALVES, V. S., & SOUSA, A. C. – *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)*. Lisboa: UNIARQ/Faculdade de Letras–Universidade de Lisboa, 2018.
- INIZAN, M. L., REDURON, M., ROCHE, H., & TIXIER, J. – *Technologie de la pierre taillée*. Vol. 4. Meudon: Cercle de Recherches et d’Études Préhistoriques, 1995.
- JORDÃO, P., & PIMENTEL, N. – “The Zambujal arrowheads: a petroarchaeological approach to the provenance determination of flint”. In T. PEREIRA, X. TERRADAS, & N. F. BICHO (Eds.) – *The exploitation of raw materials in Prehistory: sourcing, processing and distribution*. Cambridge: Cambridge Scholar Publishing, 2017. p. 174–190.
- JORDÃO, P., & PIMENTEL, N. – “O potencial dos terraços do Rio Sizandro para o provisionamento de sílex na Pré-História da Estremadura”. In J. C. SENNA-MARTINEZ et al (Eds.) – *Extraír e produzir... dos primeiros artefactos à industrialização*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2019. p. 45–55.
- LÓPEZ-DORIGA, I. L., & SIMÕES, T. – “Los cultivos del Neolítico Antiguo de Sintra: Lapiás das Lameiras y São Pedro de Canaferrim: resultados preliminares”. In V. S. GONÇALVES, M. DINIZ, & A. C. SOUSA (Eds.) – *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ/Faculdade de Letras–Universidade de Lisboa, 2015. p. 98–107.
- LÓPEZ-DORIGA, I. L. – *La utilización de los recursos vegetales durante el Mesolítico y Neolítico en la costa atlántica de la península ibérica*. Tese doutoral apresentada à Universidad de Cantábria, 2015.
- MURALHA, J., & COSTA, C. – “A ocupação neolítica da Encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa)”. In N. BICHO & H. VERÍSSIMO (Eds.) – *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: Universidade do Algarve, 2006. p. 157–170.
- NETO, N., REBELO, P., & CARDOSO, J. L. – The Final Neolithic and Chalcolithic settlement of Travessa das Dores (Ajuda, Lisboa). *Madridrer Mitteilungen*, 60 (2019); p. 3–54.
- NEVES, C. – *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC.* (Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Letras–Universidade de Lisboa, 2018.
- NEVES, C., & DINIZ, M. – Acerca dos cenários da acção: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5.º e na primeira metade do 4.º milénio a.C., no sul de Portugal. *Estudos do Quaternário*. 11 (2014); p. 45–58.
- PIMENTA, J., SOARES, A. M., & MENDES, H. – Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira Arqueologia*. 2 (2013); p. 181–194.
- PRATS, G., ANTOLÍN, F., ALONSO, N. – *Household storage, surplus and supra-household storage in prehistoric and protohistoric societies of the Western Mediterranean*, PLoS ONE 15–9, 2020. 30 p.
- QUEIROZ, P., & LEEWAARDEN, W. V. – “Estudos de arqueobotânica no concheiro de São Julião (Mafra)”. In A. C. SOUSA (Ed.) – *São Julião: Núcleo C do concheiro pré-histórico*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2004. p. 119–134.
- RODRIGUES, F. – “Hidráulica na Pré-história? Os fosos enquanto estruturas de condução e drenagem de águas: o caso do sistema de fosso duplo do recinto do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja)”. In M. DINIZ, C. NEVES, & A. MARTINS (Eds.) – *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2015. p. 119–130.
- RUSSO, R., & SOUSA, A. C. – “A pedra lascada nos tholoi do Baixo Alentejo interior: notas preliminares de casos de estudo”. In J. M. ARNAUD & A. MARTINS (Eds.) – *Arqueologia em Portugal: 2017– Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2017. p. 705–722.

- SILVA, C. T., & SOARES, J. – Para o estudo do Neolítico Médio: o sítio da Fábrica de Celulose (Mourão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21 (2018); p. 5–23.
- SIMÕES, T. – *O sítio Neolítico de São Pedro de Canaferrim*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 1999.
- SOUSA, A. C. – Arqueologia na A21: uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004–2007. In M. J. GANDRA & I. A. LOPES (Eds.) – *Boletim Cultural* 2008. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2009. p. 411–497.
- SOUSA, A. C. – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. (Doutoramento). 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras-Universidade de Lisboa, 2010.
- SOUSA, A. C. – Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23 (2016–2017); p. 459–518.
- SOUSA, A. C., GIBAJA BAO, J. F., MAZZUCO, M., MIRANDA, M., TERESO, J. P., OLIVEIRA, C., & GONÇALVES, V. S. – Clay combustion structures in Early Mesolithic at Cova da Baleia (Mafra, Portugal): approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 18 (2018); p. 984–999. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2017.10.049>
- SOUSA, A. C., & PEREIRA, C. – “Fragmentos da ocupação antiga do concelho de Mafra. Gonçalves, caso exemplar?”. In M. J. GANDRA & I. A. LOPES (Eds.) – *Boletim Cultural* 2004. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2005. p. 359–394.
- SOUSA, A. C., PEREIRA, C., INÁCIO, I., & MIRANDA, M. – Pedra e fogo: a produção de cal em Mafra na Idade Moderna. Os fornos do Zambujal e do Vale Casal do Mato. In I. A. LOPES (Ed.) *Boletim Cultural* 2018–2019. Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2019. p. 363–396.
- SOUSA, A. C., & SOARES, A. M. – “Continuity or discontinuity? Aquatic exploitation in the portuguese Estremadura during the Atlantic period: São Julião and Magoito shell middens as case studies”. In C. DUPONT & G. MARCHAND (Eds.) – *Archéologie des Chasseurs-Cueilleurs Maritimes. De la fonction des habitats à l'organisation de l'espace littoral. Actes de la Séance de la Société Préhistorique Française*. Rennes: Société Préhistorique Française, 2016. p. 191–212.
- TUREK, J. – “The Neolithic Enclosures in Transition. Tradition and Change in the Cosmology of Early Farmers in Central Europe”. In A. Gibson (Ed.) – *Enclosing the Neolithic: Recent studies in Britain and Europe*. Oxford: Archaeopress, 2012. p. 185–201.
- VALERA, A. C. – “Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente no território português”. In J. M. ARNAUD, A. MARTINS, & C. NEVES (Eds.) – *Arqueologia em Portugal – 150 anos* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2013a. p. 335–343.
- VALERA, A. C. – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal: investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Almadan*, 18 (2013b); p. 93–110.
- VALERA, A. C. – Antes de Lisboa. Palácio dos Lumiares: uma janela sobre a Pré-História da foz do Tejo. *Rossio. Estudos de Lisboa*. 3 (2014a); p. 10–15.
- VALERA, A. C. – *Bela Vista 5. Um recinto do final do 3º milénio a.n.e. (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA, 2014b.
- VALERA, A. C., & PEREIRO, T. – O recinto de fossos pré-histórico de Borralhos (Serpa): aproximação à sua arquitetura através da prospeção geofísica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14 (2020); p. 17–28.
- VEIGA, S. P. M. E. – *Antiguidades de Mafra ou relação arqueológica das características dos povos que senhoriaram aquele território antes da instituição da Monarquia Portuguesa: memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1879.
- ZBYZEWSKI, G., & CARDOSO, J. L. – Achados antigos do Paleolítico na região de Mafra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 63 (1978); p. 611–629.